

Educar pela historia

Ainda evoco com certa angustia o tempo que perdi, preparando-me para o exame da historia.

Era eu sacristão e aprendiz de alfaiate em Tauhá, um canto remoto dos sertões cearenses, onde nasci e me criei, e, com o vigario da freguezia, um varão de solidas virtudes e de habitos austeros, iniciava-me em um pequeno curso de humanidades.

O methodo, então adoptado, era o mnemonico—como é seguido na quasi totalidade das nossas escolas primarias, secundarias, e mesmo superiores. Decorava-se e repetia-se literalmente a lição ao professor que, por sua vez, de livro aberto, acompanhava o alumno.

Tinha eu, não sei se por continuo e exhaustivo exercicio de memoria, o costume de fazer estatistica das paginas que decorava; do catecismo diocesano sabia de cór mais de cem. A grammatica de João Ribeiro (2.º anno) decorada treze vezes; a de Halbout, quatro. Attingi á perfeição de recitar de uma e outra, palavra por palavra, capitulos inteiros.

Mas, se me dessem a analysar qualquer trecho de vernaculo, ou a vertel-o para o francez, não o conseguiria. Lembro-me, até, de que apesar de já haver percorrido toda a syntaxe, tive de recorrer, sem exito, ao dictionario, á cata de, grammaticalmente, classificar o preterito perfeito do verbo parir.

Foi assim adestrado na arte de decorar, que ataquei o Berquó e o o Mattoso Maia, cerca de 600 folhas do primeiro e mais de 300 do segundo. Na idade de 19 annos, com pressa de bater ás portas de uma Academia, atirei-me de corpo e alma á tarefa sobrehumana de encaixar inteiriço nos juvenis refolhos do meu cerebro todo o erudito conteúdo dos dois cacetissimos compendios. Foi a tanto o meu afan, que, nas viagens a que me obrigava a profissão de sacrista, commigo os conduzia. Hoje ainda me lembro de que numa bella manhã de sol, á sombrã dos umbuzeiros, em um povoado perdido entre serrotes abruptos e quasi nús, como são os do alto sertão nordestino, flagellava-me por arrumar mentalmente, em ordem chronologica, as peripecias guerreiras da Grecia antiga.

A' medida que me embrenhava no mattagal das genealogias dynasticas, nas batalhas sangrentas onde se decidia o destino de raças e povos, de castas e classes, de generaes e soldados, ia sentindo que as forças me faltavam. A hora da aula tornava-se-me, dia a dia, de um supplicio atroz: a inibição mental, revelando-se pela subita parada do phrasear que antes trazia na ponta da lingua, diagnosticaria o clinico de molestias nervosas por um prenuncio de neurasthenia com consequencias, talvez, irremediaveis. O que eu decorava em um dia, dissipava-se no dia seguinte. Uma sensação de tedio, de abandono, apoderou-se de mim. Já eu repetia as lições bocejando, entrecortando-as de pausas, apertando a fronte num esforço doloroso para prender as palavras obstinadamente esquivas. Cada aula redundava para mim em fracasso lamentavel. O padre claramente o percebia, parecendo-me que a esse estado de depressão psychica ligava uma incapacidade

em mim congenita, para proseguir nos estudos. Por fim, con-
doido e paternal, aconselhou-me fosse a Fortaleza pleitear
uma carta de advogado que me abrisse a carreira forense
naquellas longinquas paragens, onde a *vox juris* quasi sempre
se ouvia pelo *bocca de sino*, o torvo e classico bacamarte
em que se apoiava, limpa de maculas, a rustica linhagem dos
nossos avós, «bons, burros e bravos.»

Não aceitei o conselho, porém segui rumo de Forta-
leza, recommendado pelo chefe local, um velho tenente da
guerra do Paraguay, ao professor José de Barcellos que pas-
sava, ali, por summidade em assumptos pedagogicos. A elle
expuz o mallogro dos meus estudos de historia; que, apesar
de haver tentado decorar Berquó e Mattoso Maia, não co-
nhecia quasi nada da materia.

Ouviu-me paciente e, esboçando um sorriso entre iro-
nico e piedoso, disse :

— Você ainda foi feliz; podia estar a esta hora no asylo
de alienados.

Foi a uma estante e tirou dois pequenos volumes :

— Vá lendo isto e procurando reproduzir pelos suas
propias palavras o que lêr. Nada de decorar. Em menos
de dois mezes (era o tempo que faltava para os exames)
verá que aprendeu mais historia do que durante quasi um
anno.

Eram dois compendiozinhos vagabundos, um de His-
toria Geral, de Mascarenhas e o outro de Historia do Brasil,
de Villa Lobos.

Uma approvação plena, sem «pistolão», sem «colas» na
escripta, *sem conhecer os examinadores*, veio confirmar que
eu estivera prestes a succumbir intellectualmente, victima de
um malfadado erro de medicina pedagogica.

Foi pela leitura de uma these de Mello e Souza, des-
tinada ao ultimo concurso de historia do Collegio Pedro II
que me occorreram essas reminiscencias.

O titulo desse magnifico trabalho logo me seduziu : O

ensino da historia na formação do character. Um ponto já devassado pela critica e, sobretudo, pela pedagogia, porém exposto a contraversias. A historia arvorada em disciplina do espirito, investindo-se, pois, de função altamente educacional: não mais artigo de luxo, para regalo esclusivo de eruditos ou cavaqueira de *causeurs* elegantes em serões de gente rica.

Não mais a historia—scenario de alcovas reaes, trama de intrigas diplomaticas, relatorio massudo de operações militares, ou panegirico a Bossuet e a Latino Coelho de monarchas gottosos e sanhudos capitães. Mas a historia—encadeamento logico, racional, de factos, analyse e synthese ao mesmo tempo, descendo, como faz a geologia com o globo, ás camadas mais profundas do mundo social, registrando como um sismographo as pulsações mais obscuras do viver colectivo, seguindo-lhe o lento evoluer, sorprendendo-lhe as bruscas mutações, enfeixando-o, por ultimo, numa vasta unidade scientifica, de que resaltem, organicamente vinculadas, os multiplos aspectos da civilização. E' sobre esse feitio que ella apparece ao joven professor, entrando no quadro das sciencias sociaes. Perde a sua feição estrictamente individualista, puramente decorativa, para se tornar um campo sociologico fertilissimo, atravez do qual o individuo resulta um reflexo da sociedade que o produziu e educou. Mesmo os grandes homens, aquelles que se apontam como artifices da historia, são condensadores ou antes canalisadores de interesses, de ambições, de preconceitos, de ideaes do meio em que vivem; focalisam energias psychicas, actuando ou que se elaboram na alma complexa das collectividades. Atraz do genio estrategico de um Alexandre, de um Julio Cesar, de um Bonaparte, occulta-se o genio militar de gerações que os fizeram conductores de massas anonymas, como poderiam tel-os feito humilimos pastores de placidos rebanhos.

Não era o principio do direito divino dos reis—infantil concepção de legistas theologos—que áquelles conferia as

prerogativas de um poder sem limites ; sim, a mentalidade dos subditos que só comprehendiam o governo monarchico esteando-se em taes prerogativas. Na velha democracia franceza, observa Nitti, bastava educar o Delphim a quem tocava a exclusiva direcção do reino ; hoje o Delphim é toda a geração nova, são os filhos da nobreza e da plebe, todos os que vivem no mesmo sólc, cooperando em commum na domesticação das forças da natureza, presos por necessidades, por crenças, por costumes, por aspirações, tudo isto formando a grande retorta de onde emergem os acontecimentos e as instituições em que ellas se crystallizam. E' sobre esse criterio que Mello e Souza fixa a finalidade pedagogica do ensino da Historia.

Este ensino será tanto mais efficiente, no ponto de vista ethico, quanto mais approximar a creança e o adolescente do conhecimento scientifico das leis e factores que vêm presidindo á genese e ao evoluer das civilizações. Estas não são mais do que etapas ascendentes do esforço continuo do homem para dilatar a area do seu proprio eu no seio immenso da vida universal. Valendo-me de uma terminologia um tanto debatida, ellas representam a victoria progressiva do espirito sobre a materia, da intelligencia sobre o musculo, da razão sobre o instincto. Ellas marcaram a sua pagina decisiva nos annaes da especie, desde o dia em que do silex se desprende a faisca que se fez clarão, e rasgou as brumas da prehistoria ; quando o homem communicou a um tosco pedaço de madeira ou de pedra uma imagem palpitante de si mesmo.

Educar pela historia é dizer ao cerebro que desabrocha, como sahimos da caverna para construir sobre estacas o nosso primeiro abrigo ; como o nosso poder sobre as cousas se duplicou, assim que conseguimos polir um osso ou fundir um metal. E mais assombroso se firmou com o modular da primeira phrase, pequeno archivo que a experiencia das edades viria enriquecer. E como se constituiram os pri-

meiros núcleos humanos e se distenderam em tribus, em cidades, em nações, e se ensaiaram artes e industrias, e se escreveram os velhos codigos, e se ergueram os primeiros altares. Depois, raças que se chocam, que se esmagam ou se absorvem, e o esplendor e a derrocada de vastos imperios e instituições que se petrificam ou se renovam ou se extinguem. E a eterna transformação arrastando deuses e heróes, senhores e escravos, suzeranos e vassallos, religiões e philosophias, despedaçando thronos sobre cujos destroços se elevam outros que baquearão amanhã. E idéas que caducaram, outras em declinio, outras attrahindo, empolgando consciencias.

E novas gerações construindo um mundo novo sobre as ruinas de um mundo velho—ultimo capitulo da millenar epopéa da vida reflectindo pela acção e pelo pensamento a synthese suprema do dynamismo universal.

Joaquim Pimenta.
